

## **Do mesmo criador de Lisa Simpson, Turanga Leela e Princesa Bean: Matt Groening e a desconstrução do personagem feminino ideal<sup>1</sup>**

Laís Emanuelle Borba de Brito<sup>2</sup>  
Josimey Costa da Silva<sup>3</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, RN

### **RESUMO**

Lisa Simpson, Turanga Leela e Princesa Bean são criações do cartunista estadunidense, Matt Groening. Com características peculiares e distintas cada uma em seu universo visa o empoderamento feminino e a liberdade de escolha. A tríade de Groening apresenta uma desconstrução do personagem feminino ideal fazendo refletir sobre como meninas e mulheres são representadas na grande mídia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Os Simpsons; Futurama; Desencanto; personagem feminino; estudos da mídia.

### **INTRODUÇÃO**

Em 1989 vai ao ar Os Simpsons, desenvolvida pelo cartunista Matt Groening. Dez anos após estreia Futurama. E em 2018, Desencanto, sendo a primeira série do autor para a Netflix. Tanto nos Simpsons quanto em Futurama os enredos giram em torno de personagens masculinos como protagonistas, mesmo os femininos se sobressaindo. Em contrapartida, Desencanto é o primeiro trabalho de Groening que conta com um personagem feminino como protagonista.

A seguinte pesquisa busca apresentar a tríade de personagens femininos de Groening em seus respectivos universos e como elas apresentam uma evolução da representação feminina na mídia, além de suas contribuições para a desconstrução do personagem feminino ideal baseado em estereótipos de gênero.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Doutoranda do curso de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGEM-UFRN, email: laisemanuelle\_2012@hotmail.com

<sup>3</sup> Docente e Orientadora no curso de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGEM-UFRN, email: josimeycosta@gmail.com

## A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM FEMININO IDEAL

O protagonismo de personagens femininos em produtos midiáticos como séries, filmes, desenhos, encontra ainda mais espaço a partir de 1980, quando as críticas advindas do movimento feminista referentes aos estereótipos de gênero ganham fôlego. Princesas, personagens secundárias e superficiais passam a dividir espaço com heroínas e personagens empoderadas, inteligentes e fortes, valores que antes eram reservados a personagens masculinos.

De acordo com o Center for Study of Women in Film and TV<sup>4</sup>, os personagens femininos representam cerca de 50% de todos os personagens nas temporadas de 2021-2022 e 52% em 2020-2021 nos Estados Unidos. Mesmo ainda não chegando a uma paridade de gênero, as mulheres correspondem a 48% dos personagens principais. Tais dados seriam surpreendentes se os personagens em questão não precisassem atender a certas “demandas”, em sua maioria, os personagens femininos estão na faixa de 20 anos enquanto personagens masculinos se encontram na faixa dos 60, apresentando assim uma contínua valorização feminina relacionada a juventude, aparência e beleza. Para Moreno (2017, p.32) “O discurso - quer verbal, quer imagético - nos apresenta sempre jovens, quase sempre brancas, sempre magras, referencialmente loiras e de cabelos lisos – no máximo, ondulados, e apenas em raros casos, cacheados.”. Dessa forma, os personagens femininos podem ser vistos, desde que estejam dentro de um padrão estabelecido.

Segundo Siqueira (2014, p.80) “Embora muitos ainda pensem nesses programas como entretenimento descomprometido, é interessante pensá-los como entretenimento comprometido com valores, com visões de mundo”. De acordo com Breder (2015), a construção dos personagens visa inspirar o público que são destinados, além disso, tais narrativas podem reforçar o imaginário e formar comportamentos. Assim sendo, o universo feminino tende a ser atrelado há características inferiorizantes por meio desses discursos:

A fragilidade, a doçura, a emotividade, a sedução, a busca pelo amor, a preocupação estética, o uso preponderante de determinadas cores, as silhuetas magras e delicadas, os cabelos e penteados, a maquiagem e a quantidade de acessórios ornamentais, as roupas que revelam ou criam curvas, a

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://variety.com/2022/biz/news/martha-lauzen-gender-parity-streamers-film-tv-1235433117/>> Acesso em: 26/04/2013

hiperssexualização, a dicotomia infantilização-adultização são aspectos que reforçam estereótipos de gênero. (MENDES; SIQUEIRA, 2018, p. 141)

Nesse sentido, Kellner (2001), define que tanto o texto quanto as imagens “não são simples veículos de uma ideologia dominante nem entretenimento puro e inocente. Ao contrário, são produções complexas que incorporam discursos sociais e políticos.”. Em consonância, é possível observar que os discursos que circulam na grande mídia levam a certa manutenção de uma coerência entre o sexo e o gênero e tudo que se apresenta contra essa hegemonia é colocado à margem. (Butler, 2015). Por exemplo, o protagonismo de personagens femininos é visto como algo “fora da curva” e quando colocada a interseccionalidade tal fator ainda é mais preponderante, em contrapartida é esperado tal protagonismo dos personagens masculinos, como se isso estivesse interligado a uma grande “ordem das coisas”, vista como natural. Para Pierre Bourdieu, a seguinte “ordem” se apresenta por meio de uma dominação masculina engendrada pelo que o autor vai denominar como sendo violência simbólica “suave, insensível e invisível” (2019, p.12), tão enraizada nas trocas simbólicas que seriam vistas como naturais.

Indo de encontro a tais violências, surgem as mais variadas personagens, dentro de universos peculiares e narrativas diversas. Para a seguinte pesquisa foram escolhidas três personagens de universos distintos, mas que tem em comum o seu criador, o cartunista, Matt Groening. São respectivamente Lisa Simpson, Turanga Leela e Princesa Bean que formam uma tríade de desconstrução da ideia de personagem feminino ideal. A seguir apresentaremos as três personagens.

## **LISA, LEELA E BEAN: A DESCONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM FEMININO IDEAL**

**Figura1- Leela, Bean e Lisa**



**Fonte: Salon**

Lisa é uma garotinha de oito anos que surpreende a todos por sua inteligência e o modo de enxergar o mundo, contestadora nata, defende os direitos de mulheres, o veganismo, direitos dos animais, entre outros. Ela desconstrói tudo o que se espera de uma criança e principalmente de um personagem dos Simpsons. Além disso, como pertencente ao universo Os Simpsons é amarela, seu cabelo lembra uma estrela, utiliza um vestido laranja no modelo tomara que caia e um colar de perolas dado por sua mãe, fugindo de estereótipos de beleza que por muitas vezes são adicionados aos personagens femininos. Para Moreno (2008, p.45), a mídia espera que o personagem feminino seja retratado da seguinte forma:

Tem de ser casada ou aspirar ao casamento, ter filhos ou aspirar a maternidade, ser ou parecer jovem, ser vaidosa, cuidada. Ser branca, heterossexual, monogâmica, fiel, comportada, decidir mais com a emoção do que com a razão, ser sensível e delicada, preocupar-se mais em cuidar dos outros do que com qualquer outra questão, mesmo que trabalhe e tenha grandes responsabilidades profissionais ou políticas.

É esperado que mulheres ocupem seu tempo com o cuidado de si, desde que esse não ultrapasse o cuidado com o outro, além de ser fortemente retratadas em produtos midiáticos como submissas. Voltando as personagens de Groening, Leela, tem 34 anos é a capitã de nave espacial, piloto e a chefe de todo os serviços relacionados a aviação e a bordo da nave Planet Express. Sendo uma das poucas personagens que demonstra competência e habilidade de comando e salva o elenco de desastres, além de ser extremamente inteligente e perspicaz. Apresenta um corpo curvilíneo, com cabelo roxo e com apenas um olho (sendo uma grande insegurança da personagem). No caso de Leela, ela se apresenta com um corpo que estaria dentro de padrão ditado pela sociedade, porém por pertencer a um universo diferente se caracteriza de forma distinta, com apenas um olho, mas ainda assim, para Wolf (1996, p. 111):

Não há nada de errado em ter a “imagem” que as plateias descrevem: o feminismo deveria significar ter a aparência que se quer ter. O problema reside no fato de as plateias terem passado a ver o feminismo com um único rosto, em vez de vê-lo com tantos rostos quantas são as mulheres.

Assim sendo, não há problema algum em um personagem feminino empoderado remeter a algum padrão estabelecido, o problema é enxergar esse padrão como absoluto e taxa-lo como um único caminho possível de representação. Por fim, Bean, tem 19 anos

e prefere morrer do que se casar de forma forçada e perder a sua liberdade de beber, jogar e seguir sua vida da forma que quiser. Tem cabelos loiros, dentes avantajados, sardas e é branca, muito diferente dos padrões de princesas existentes. Porém, faz-se necessário questionar, quem criou tais padrões? Para Gubernikoff (2009, p.67):

Foram os homens os produtores das representações femininas existentes até hoje, e essas estão diretamente associadas às formas de a atual mulher ser, agir e se comportar. O que se discute é o fato de a mulher contemporânea buscar se enquadrar em uma imagem projetada de mulher que, na verdade, é aquela que eles gostariam que ela fosse, a partir de representações femininas cunhadas pelos meios de comunicação.

Dessa maneira, as aproximações entre Lisa, Leela e Bean demonstram um crescimento da forma em que os personagens femininos são apresentados nas narrativas, além de quebrar com estereótipos femininos, apresenta também um aprimoramento contínuo das narrativas ao passo que a própria sociedade evolui, demonstrando assim uma desconstrução da ideia de personagem feminino ideal.

Cada uma com sua forma, idade e modo de se expressar, longe de serem perfeitas, pois provam por si que não são, sentem dor, medo, angústias e se questionam, vão totalmente de encontro as personagens dóceis e submissas apresentadas cotidianamente por um discurso de personagem feminino ideal. Talvez o maior acerto de Groening não seja apenas no empoderamento demonstrado pela tríade, mas nas emoções que ambas colocam em tudo que fazem, elas sentem medo de serem quem são, mas não permitem que outras pessoas ditem quem devem ser.

## CONSIDERAÇÕES

A seguinte pesquisa é um pontapé para o desenvolvimento de uma tese de doutorado, trazendo mais questionamentos do que certezas. Lisa, Leela e Bean se apresentam como personagens distintas, mesmo quebrando estereótipos, cada uma em seu universo constrói uma leitura de mundo diferente, mas que a ideia central gira em torno da não continuação e propagação de padrões que inferiorizam meninas e mulheres. A tríade de Groening parece falar muito sobre elas e seus universos, mas mais ainda sobre a sociedade em que estão inseridas e a ordem social vigente.

## REFERÊNCIAS

BREDER, Fernanda. **Feminismo & príncipes encantados**: A representação feminina nos filmes de princesa da Disney. São Paulo: E-galáxia, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Guarulhos – SP: Bertrand, 2019.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

MENDES, Mônica; SIQUEIRA, Denise. **Protagonismo feminino em desenhos animados**: gênero e representações no entretenimento audiovisual. Revista Mídia e Cotidiano.vol. 12, nº2, agosto de 2018.

MORENO, Rachel. **A beleza impossível: mulher, mídia e consumo**. São Paulo: Ágora, c2008

MORENO, Rachel. **A imagem da mulher na mídia: controle social comparado**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

SIQUEIRA, Denise. Mídia, educação e entretenimento: a produção de sentidos na divulgação da ciência. In: TAVARES, Denise, REZENDE, Renata (orgs). **Mídias e divulgação científica**: desafios e experimentações em meio à popularização da ciência. Rio de Janeiro: Ciências e cognição, 2014. p. 76-91.

WOLF, Naomi. **Fogo com fogo: o novo poder feminino e como o século XXI será afetado por ele**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996